



"Seeing Space and Hearing Space",
Valie Export, Alemanha, 1974

"Éxtase", Heike Mutter, Alemanha, 1998

"Avó", Raquel Schefer, Portugal, 2010

"Wall & Tower", Yael Bartana, Israel, 2009

FUSO. Lição sobre o que uma câmara pode transformar em vídeo arte

A Anual de Video Arte Internacional de Lisboa arranca hoje e dura até sábado, longe de museus e galerias

SÍLVIA CANECO
silvia.caneco@ionline.pt

A que ponto pode ser cansativo ver uma pessoa da cintura para baixo a saltar num trampolim durante mais de 12 minutos? Ou mulheres a partir pratos, tentando fazer o maior barulho possível, como em "Domestico", da argentina Gabriela Golder? Cansativo, talvez, mas não tão incómodo como ver uma vulva a comer objectos como um galo de Barcelos, como acontece em "Hunger", o vídeo que critica a sociedade de consumo, de Clara Games. Esta é apenas uma amostra do FUSO – a segunda edição do Festival Anual de Video Arte Internacional de Lisboa arranca hoje e durante quatro dias propõe uma viagem pela vídeo arte fora do contexto habi-

tual de museus, galerias ou espaços claustrofóbicos.

Desta vez pode puxar da espreguiçadeira e recostar-se, porque a vídeo arte vai sair à rua e instalar-se em esplanadas, jardins e terraços. O BES Arte e Finança, o Carpe Diem, a Fundação PLMJ, o Goethe Institut e o Museu Coleção Berardo serão os palcos.

A vídeo arte alemã, centrada em filmes relacionados com a noção do corpo – uma das questões centrais do novo *medium* nascido nos anos 70 – é o tema central desta edição. "A Alemanha e os EUA são os países mais importantes no nascimento da vídeo arte, nos anos 70. Há uma grande diversidade de autores alemães, mas, ao contrário dos americanos, são mais desconhecidos do público", explica Jean-

François Chougnnet, director artístico do Museu Coleção Berardo e um dos programadores do festival, feito à imagem e semelhança de um festival de Telavive.

Durante quatro dias, o FUSO traz a Lisboa peças históricas – como um raro vídeo

de 1968, em que a artista Valie Export desafiava as pessoas na rua a tocarem no interior de uma caixa, acoplada ao seu peito –, peças contemporâneas de artistas portugueses e retrospectivas de artistas como Marcel Odenbach, um dos fundadores da vídeo arte alemã.

E porque a disciplina – que mostrou que uma câmara de vídeo poderia ser usada fora da televisão ou do cinema – não é nova, o festival viaja de 1970 até 2010. "Ao contrário do que se pensa, a vídeo arte não é uma invenção recente. Tem 40 anos", sublinha Jean-François Chougnnet. Basta ver o vídeo de 1968 em que Ulrike Rosenbach cospe leite por cima do ombro de Klaus vom Bruch e contra uma travessa de vidro e as críticas aos *media* se resumiam numa frase: "Good luck for a better art."

Festival

BES Arte e Finança, Carpe Diem Arte e Pesquisa, Fundação PLMJ, Goethe Institut e Museu Coleção Berardo

Preço Entrada gratuita
Horário A partir de hoje e até sábado, das 9h às 21h